

“NA ESTRADA [...] CRUZAM-SE NUM PONTO...”¹: APROXIMAÇÕES ENTRE A A/R/TOGRAFIA E A PERSPECTIVA DIALÓGICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Fransuê Ribeiro²

Resumo

Este artigo tem como objetivo, apontar aproximações entre a abordagem metodológica a/r/tográfica e a perspectiva bakhtiniana. Por um panorama histórico, tece considerações acerca da alteridade no processo de pesquisas em educação, na relação com fotografias expandidas elaboradas em um processo artístico intitulado *Entre*, desenvolvido por uma artista/pesquisadora/professora no ano de 2021. É uma pesquisa a/r/tográfica, de abordagem qualitativa. Tem como aporte teórico os estudos do intelectual russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) com ênfase nos conceitos de cronotopo e exotopia, Rita Irwin e Belidson Dias (2013) sobre a/r/tografia, e Rubens Fernandes Junior (2006) sobre fotografia expandida. Além de fornecer subsídio teórico para a compreensão das implicações da alteridade em pesquisas na esfera da educação, acena que a pesquisa a/r/tográfica é dialógica e a maneira com que possibilita lidar com a espacialidade e a temporalidade ampliam os sentidos em pesquisas que utilizam esta abordagem metodológica.

Palavras-chave: Bakhtin e o Círculo. A/r/tografia. Pesquisa em Educação. Fotografia expandida. Dialogia.

“ON THE ROAD [...] THEY CROSS AT ONE POINT...”: APPROXIMATIONS BETWEEN A/R/TOGRAPHY AND THE DIALOGIC PERSPECTIVE IN RESEARCH IN EDUCATION

Abstract

This article aims to point out similarities between the a/r/tographic methodological approach and the bakhtinian perspective. Through a historical overview, it makes considerations about otherness in the process of research in education, in relation to expanded photographs created in an artistic process entitled *Entre*, developed by an artist/researcher/teacher in 2021. It is an a/r/tographic research, with a qualitative approach. Its theoretical support is the studies of the Russian intellectual Mikhail Bakhtin (1895-1975) with an emphasis on the concepts of chronotope and exotopy, Rita Irwin and Belidson Dias (2013) on a/r/tography, and Rubens Fernandes Junior (2006) on expanded photography. In addition to providing theoretical support for understanding the implications of otherness in research in the sphere of education, it suggests that a/r/tographic research is dialogic and the way in which it enables dealing with spatiality and temporality expands the meanings in research that uses this methodological approach.

Keywords: Bakhtin and the Circle. A/r/tography. Research in Education. Expanded photography. Dialogy.

¹ BAKHTIN, Mikhail, 2018, p. 218.

² Universidade Regional de Blumenau (FURB). Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Licenciada em Artes Visuais, ambos pela Universidade Regional de Blumenau - FURB, iniciou seus estudos na área na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, em 2008. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0719-8545>. E-mail: fransueribeiro@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Figura 1. Fotografia elaborada no 1º momento do projeto artístico e estético *Entre*



Fonte: acervo da artista (2021)

A imagem fotográfica que compõem a epígrafe desta seção introdutória, retrata um colchão surrado, com parte coberta por destroços de [des]construção e outra parte com cascalhos e poeira, como se alguém houvesse afastado os tijolos e madeiras. Ainda, na parte superior do colchão, quase pendente, encontra-se uma conta de luz impressa em boas condições.

Essa visualidade é um recorte, uma das fotografias realizadas no primeiro momento do processo artístico intitulado *Entre*, composto por outros quatro momentos que aconteceram em dias distintos durante os meses de maio e junho de 2021. Esse percurso, impulsiona uma pesquisa de mestrado em Educação que discute a alteridade e processos dialógicos na relação com a fotografia expandida e a educação estética na esfera da arte na educação.

Como parte desta pesquisa de dissertação, o foco deste texto é apontar aproximações entre a abordagem a/r/tográfica (Dias; Irwin, 2013) – vertente metodológica da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) – e os estudos do intelectual russo Mikhail Bakhtin (1895-1975)³ com ênfase nos conceitos de cronotopo⁴ e exotopia. Diante disto, por uma

³ Foram elaboradas juntamente com o Círculo, que conhecemos hoje como Valentin Volóshinov (1895-19360) e Pavel Medvedev (1891-1938).

⁴ Junção das palavras gregas *chronos*: tempo e *topos*: lugar. O conceito aparece em Bakhtin, num estudo monográfico de 1937-38 (com conclusão acrescentada em 1973), intitulado “Forms of time and of the chronotope in the novel”.

perspectiva histórica são tecidas considerações referentes às manifestações da alteridade nas pesquisas em Ciências Humanas que nos mobiliza a refletir sobre e com processos que envolvem a arte enquanto realizamos pesquisa em educação.

De início, convém mencionar que a PEBA é uma metodologia específica para a pesquisa em educação, que deriva da Pesquisa Baseada nas Artes (PBA) ou Investigação Baseada nas Artes IBA. Envolve além da investigação sobre e com arte, como se proem uma PBA ou IBA, também a esfera da educação (Barone; Eisner, 2006).

Como um método sistematizado de PEBA, a abordagem a/r/tográfica auxilia artistas ([a]rtist) pesquisadores ([r]esearcher), que também são professores ([t]eacher), na elaboração de pesquisas. Possibilita que considerem enunciados visuais e/ou verbo/visuais de caráter artístico e estético (de autoria própria ou não), assim como textos verbais sobre suas vivências (que podem ser narrativas), de maneira que representem a compreensão adquirida em vista dos objetivos iniciais dando ênfase às informações e novas problemáticas que surgem no processo da investigação (Irwin, 2013, p. 28).

O enunciado visual que compõem a *figura 1*, nos remete a momentos vividos entre uma artista em formação docente – também envolvida na escrita desta pesquisa – e o seu contexto. Ao passar a residir uma cidade colonizada por europeus no período do Brasil Império⁵, reflete sobre a colonialidade nas relações sociais que se desdobra na vida das pessoas, que subjagam determinados corpos, os afastam para a margem e os invisibilizam.

A busca por presenças e ausências de sujeitos em meio a escombros, é o *locus* do processo artístico *Entre*, que tensiona o espaço e o tempo na relação com a fotografia. No primeiro momento desse processo, são realizados registros fotográficos, alguns do ambiente e outros fotoperfomáticos⁶, voltados à experimentação, sem um objetivo final delineado. Compreendemos então, esse lugar no qual é realizado as primeiras ações fotográficas, como preche de sentidos. No segundo momento, foi realizada uma curadoria e edição digital das fotografias captadas, e posteriormente, a impressão dessas imagens em papel couchê na dimensão A4 (21cm X 29.7cm). As impressões são expostas em paredes da casa pela técnica lambe-lambe⁷, no terceiro momento. Na expografia, pensou-se na relação entre as fotografias

⁵ Cenário no qual as teorias raciais acenavam o país como modelo de atraso nas questões e composições étnica e racial, e impulsiona a aprovação do projeto de colonização para as terras no sul do Brasil. Ver mais em: CARVALHO, J. M. de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

⁶ Compreendemos como fotoperformance, a linguagem artística híbrida na qual a performance é concebida para ser apresentada em fotografia.

⁷ A invenção da imprensa, em 1440, por Johann Gutenberg (1400 - 1468), possibilitou a criação do cartaz. Portanto, foi com o surgimento da impressão em massa, impulsionada pela Revolução Industrial, que o cartaz tornou-se a

selecionadas e o espaço, de maneira que o local nelas retratados fossem semelhantes aos da colagem. Por fim, no quarto momento deste processo, há o retorno à casa para fotografar os lambes e percebe-se que outras pessoas estiveram ali. Algumas imagens pareciam rasuradas como se houvessem tentando arrancá-las sem sucesso, bem como, foi possível observar a presença de uma outra obra ocupando uma das paredes, um grafite de um artista que é visto frequentemente habitando os muros centrais e/ou periféricos dessa cidade.

Compreendemos as materialidades estéticas elaboradas neste processo, como fotografias expandidas (Fernandes Junior, 2006). Isto porque, a maneira com que as fotografias são manipuladas e relacionadas umas às outras, com o espaço, e com o tempo, expande o sentido das imagens fotográficas. Em outras palavras, o modo como a espaçotemporalidade é articulada no processo *Entre*, possibilita a relação das fotografias com outras multisemióticas, assim como, que a ação do outro seja constituinte da obra artística/estética; dessa maneira, ainda que a *figura 1*, acene que uma pessoa esteve presente no local em meio aos escombros, é no processo *Entre* que a fotografia indica que ainda há pessoas que habitam/perambulam por tal espaço.

Apesar da *figura 1* dar indícios que uma pessoa esteve no colchão retratado, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, outros sentidos são elaborados mediante as relações axiológicas oriundas do modo com que compreendemos e vivemos no mundo. À exemplo disso, podemos considerar que a pessoa esteve no cômodo fotografado para se proteger das intempéries do tempo, e/ou por estar à margem e invisibilizada por não corresponder à determinado sistema econômico, dentre outras possibilidades.

Segundo Bakhtin, estas valorações são possíveis em razão da vida real de um sujeito acontecer na dialogicidade com o que lhe é externo, com o mundo e a diversidade de vozes que ecoam na arena comunicacional da qual participa. Em outras palavras, os sentidos e conexões que estabelece, são frutos de sua relação com o seu contexto sociocultural. Em vista disso, o processo artístico *Entre* é um discurso responsivo a outros discursos já proferidos anteriormente e corresponde à valoração de uma a/r/tógrafa sobre as experiências que vivencia em uma cidade colonizada por europeus.

Este processo artístico é impulsionador de futuros processos dialógicos entre artista/professora/pesquisadora e estudantes, uma vez que seus enunciados são constituídos na relação de suas vozes e outras tantas vozes, que se entrecruzam e podem ser visíveis em uma pesquisa com arte na esfera da Educação. Provoca-nos a pensar que, a maneira com a qual um

forma mais eficaz e econômica de realizar propaganda. Nessa época a arte de rua se aproveitou do grande alcance da mídia impressa para criar uma categoria própria, que é o que hoje conhecemos como o lambe-lambe.

tecemos considerações pode ampliar ou subtrair os sentidos possíveis em uma investigação, visto o modo como a metodologia permite incluir a arte e as práticas pedagógicas.

Tendo em vista ampliar os sentidos em uma pesquisa com e/ou sobre arte, a a/r/tografia valoriza as múltiplas vozes e experiências que surgem quando a arte, a pesquisa e o ensino se encontram. Podemos dizer que o entrelaçamento das esferas da arte e da educação acentuam-se pelo modo com que essa vertente lida com a espaçotemporalidade. No que diz respeito ao tempo, a pesquisa se constitui pelas considerações elaboradas pelo a/r/tógrafo, como também pelos sentidos elaborados pelo leitor/fruidor. Já no que diz respeito ao espaço, exige que o a/r/tógrafo se desloque de si mesmo (mas não para fora de si) e tenha um olhar afastado de suas vivências para tecer considerações sobre elas, na medida que incorpora vozes outras do seu contexto ideológico. Essa interação de vozes pode criar novas formas de entendimento e expressão, refletindo a ideia de exotopia onde diferentes perspectivas se encontram e se interagem. E a este deslocamento Bakhtin (2018) irá chamar de olhar exotópico.

Em síntese, a estudiosa de Bakhtin no Brasil, Marília Amorim (2020, p. 105) discorre que o conceito de exotopia diz respeito a “uma perspectiva individual”, enquanto o conceito de cronotopo “trata de uma produção da história, um lugar coletivo, espécie de matriz espaçotemporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem”, como podemos perceber no enunciado discursivo que compreende a *figura 1*. Por possuir um modo singular de articular a espaçotemporalidade, a a/r/tografia permite considerar os dados de pesquisa, os discursos, na medida em que se manifestam e estará sempre no terreno interindividual.

Tal como “uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (Volóchinov, 2018, p. 140) em um diálogo cotidiano, consideramos que também uma fotografia e/ou uma obra de arte é produtos das relações que estabelecemos com outras pessoas. um texto acadêmico é um meio de expressão pelo qual um pesquisador tece o conteúdo, constituindo-se em indícios das influências teóricas. É um ato de fala, um enunciado responsivo a um outro discurso já propagado, em que sempre estará implícito um recorte de universos que o investigador considera relevantes para o diálogo científico com seus pares.

Nesta esfera comunicacional das pesquisas acadêmicas, acontece a expansão e a estruturação do conhecimento, no qual a metodologia a/r/tográfica é uma maneira de fortalecer a relação entre a investigação com arte e a vida vivida. Para Volóchinov (2018, p. 219), “[o] discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante”. O texto acadêmico, então, na forma e no conteúdo, revela relações do autor e dos

outros com os quais escolhe dialogar, ao mesmo tempo em que se relaciona com o leitor, na medida em que é publicizado, tramando dimensões singulares com outros.

À exemplo disso, ao se relacionar com o enunciado artístico e estético que compõem a figura *I*, um espectador, também leitor/fruidor, elabora sentidos que dizem respeito às vivências que experienciou durante sua vida: de sobrevivência à um desastre natural (enchente, deslizamento de terra, tornado), à reforma de uma casa ou à situação de pobreza e calamidade que vivem alguns cidadãos brasileiros. Na relação com os sentidos que elaborou, quando responsivo à esta produção artística, uma pessoa poderá agir e contribuir para a transformação do seu contexto.

Consoante a esse processo dialógico, também uma pesquisa a/r/tográfica toma corpo mediante a “síntese dialética viva entre [...] o interior e o exterior”, na qual as palavras, como toda a palavra, são um “pequeno palco onde as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em debate” (Volóchinov, 2018, p. 140).

Podemos dizer então que, é a partir da diferença entre eu/outro, na tensão permanente da aproximação/identidade e da distância/alteridade que algo do encontro com o outro pode ser revelado. Amorim (2001, p. 28) nos orienta a reflexão:

[...] em torno da questão da alteridade se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador. Análise e manejo das relações com o outro constituem, no trabalho de campo e no trabalho de escrita, um dos eixos em torno dos quais se produz o saber. [...] Sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa e isto faz com que toda tentativa de compreensão e de diálogo se construa sempre na referência aos limites dessa tentativa. É exatamente ali onde a impossibilidade de diálogo é reconhecida, ali onde se admite que haverá sempre uma perda de sentido na comunicação que se constrói um objeto e que um conhecimento sobre o humano pode se dar.

Frente ao que nos diz Amorim (2001), sem o reconhecimento da alteridade, o pensamento é tratado apenas como abstrações, o que objetiva o sujeito ao desconsiderar as complexidades das relações humanas. Logo, para uma pesquisa na área das Ciências Humanas se aproximar do objetivo ao qual se propõe, deve considerar outros pontos de vista, bem como o modo com que os sujeitos utilizam a linguagem nas relações que estabelecem em seu cotidiano. Segundo Bogdan e Biklen (1994), esta perspectiva elaborada no século XX aproxima a filosofia do campo da linguagem e influi consideravelmente nas pesquisas qualitativas

Na tomada histórica pela alteridade, conforme os pesquisadores preocupam-se em considerar a perspectiva do outro, novos modos de fazer pesquisa surgem para compreender essa emergência. Essas metodologias, desestabilizam as perspectivas homogeneizantes de construção do pensamento científico também no campo da arte na esfera da educação. À

exemplo disto, a a/r/tografia surge para atender às necessidades de pesquisas realizadas com arte na esfera da educação e comporta métodos de investigação que, em sua diversidade, constituem-se por mais de um olhar e integram em seu corpo as percepções das pessoas envolvidas, intensificando as relações dialógicas em todo o seu processo.

Em vista do objetivo pretendido, esta pesquisa qualitativa e a/r/tográfica (Dias; Irwin, 2013) está subdividida em três seções que visam: i) apresentar uma perspectiva histórico-crítica e tecer relações com a pesquisa qualitativa em arte e educação assumindo a alteridade como elemento no processo de fazer pesquisa; ii) tecer considerações sobre a a/r/tografia incluindo seu propósito, ideias fundamentais e controvérsias que cercam o campo da pesquisa em arte na educação; iii) tecer relações entre a abordagem a/r/tográfica e a perspectiva bakhtiniana com ênfase os conceitos de cronotopo e exotopia.



2 HOJE, ESSE DEPOIS (E OUTRAS VELHAS RETICÊNCIAS DA PESQUISA)

Figura 1. Fotografia que compõem o projeto artístico *Entre*, elaborada no 4º momento.
Fonte: acervo da artista (2021)

A produção imagética que abre esta seção, foi realizada no quarto momento do processo *Entre*. Retrata a fotografia do colchão coladada na parede do mesmo local em que foi realizada, em uma parede na lateral direita desse colchão. Na parte inferior desse lambe é possível

perceber que se encontra um pouco rasgada, como se alguém tentasse descolá-la da parede em uma tentativa frustrada.

O enunciado de caráter artístico e estético, norteia este texto e que, numa perspectiva histórica, busca compreender o que realizamos em pesquisa que envolve arte na educação no Brasil. Nos provoca acerca dos deslocamentos de uma artista/pesquisadora/professora que busca compreender a si na relação com os outros, envolvida em um processo de fazer arte, ensinar arte e fazer pesquisa, no qual tenciona seu processo de formação na docência e com a fotografia expandida.

Ao refletir sobre seu processo na arte, compreende-se uma artista deste tempo, que dialoga com seus outros em um espaço e tempo situados e, concomitantemente, em constante transformação. Para tal, entender a pesquisa no campo educacional é parte de um processo de constituição singular e simultaneamente coletivo, com um recorte específico de espaço que se monta e remonta na amplitude do tempo.

A fotografia expandida acima nos impulsiona a pensar sobre o tempo e o que acontece no espaço nesse percurso, na medida em que as pessoas interagem nesse lugar. Para compreender a importância da interação do outro na compreensão/elaboração dos sentidos em enunciados produzidos e inseridos em uma a/r/tografia, os modos de pesquisar na área de educação sofreram modificações consideráveis ao longo dos anos. Diante disto, nesta segunda parte do texto, elencamos algumas considerações significativas para a compreensão da pesquisa no percurso histórico.

Este processo é peculiar aos modos que o ser humano encontra para melhor comunicar sobre o seu contexto. Ana Maria de Oliveira Galvão (2019, p. 1), professora Associada de Metodologia de Pesquisa da Faculdade de Educação (FaE/UFMG) aponta que os seres humanos, na busca para entender os fenômenos que os cercavam, “estavam direcionados para duas dimensões do mundo que se caracterizam como a natural e a social”. Este modo de entender o mundo que nos apresenta Galvão é inerente ao período moderno, período que implica em movimentações que colocam o homem como centro das questões, substancialmente o que conhecemos por Antropocentrismo.

Na busca por entender o pensamento humano no contexto do mundo, diante das perspectivas que se constituíam neste percurso, a autora comenta que a “investigação racional e empírica (ou seja, baseada na observação sistemática da realidade), [trata] sobre fenômenos da natureza” (Galvão, 2019 p. 1), deste modo, tornou-se necessária a utilização de métodos mais sistemáticos e rigorosos para explicá-los. Ainda assim, essas tentativas nem sempre foram bem-sucedidas. Segundo Galvão (2019), a partir do final do século XIX, intelectuais europeus

ainda eram influenciados pelos idealistas que compreendem e retratam na pesquisa o sujeito dicotomizado e, inspirados pelo positivismo, falham ao adequar os métodos já utilizados pelas ciências naturais para as emergentes ciências humanas e sociais:

[...] essa tentativa de adequação das ciências naturais às ciências humanas – realizada por correntes vinculadas ao que, genericamente, ficou conhecido como positivismo – revelou-se, ao longo das décadas, inadequada e problemática, uma vez que, para se pesquisar os indivíduos e as relações sociais, é preciso pensar caminhos próprios, parâmetros diferentes, metodologias apropriadas (GALVÃO, 2019 p. 2).

Os autores Bogdan e Biklen (1994), apontam que, na virada do século XIX, o antropólogo interpretativo Franz Boas (1858-1942) levanta considerações significativas para os modos de fazer-se pesquisa. Em um contexto disposto a superar a problemática entre racionalismo e empirismo, acrescentam que, para compreender verdadeiramente uma cultura, é necessário que esta não seja analisada em comparação com as perspectivas ocidentais, mas considerando o seu próprio contexto (Bogdan; Biklen, 1994).

Este modo de observar-se o outro considerando suas particularidades, sua própria ótica contextual, aproxima questões de alteridade, que eram discutidas pela ética na filosofia e na antropologia. Conhecido como pai da antropologia moderna, o alemão Franz Boas (1858-1942) considera que para uma pesquisa se deve considerar também o ponto de vista dos sujeitos inseridos no contexto da investigação, trazendo pontuações essenciais para o que conhecemos como pesquisa qualitativa, são elas: o ponto de vista produzido pela própria cultura nativa, a presença da pesquisadora no campo de trabalho (onde acontecem os fenômenos os quais a pesquisadora está interessado em investigar), valorização dos dados recolhidos em primeira mão, bem como a descrição dos modos como se obtiveram os dados e a experiência no campo de trabalho (Bogdan; Biklen, 1994).

Ainda para os autores, a pesquisa qualitativa no campo da educação proporciona uma diversidade de estratégias de investigação tal como tópicos possíveis inesgotáveis, um modo de fazer-se investigação que considera experiências educacionais bem como todo o tipo de materiais que contribuam para aumentar o conhecimento relativo a essas experiências. Assim sendo, envolve o reconhecimento de técnicas como entrevistas abertas, grupos de interlocução e ainda técnicas diversas que auxiliam na observação dos participantes (Bogdan, Biklen, 1994).

Mesmo com todos os esforços em aceitar o ponto de vista do investigado como dado de análise, há menos de um século, pesquisadores que trabalhavam com metodologias qualitativas eram marginalizados (Bogdan; Biklen, 1994). Mesmo com os métodos sistemáticos e rigorosos de que a pesquisa qualitativa dispunha para atender às necessidades da pesquisa em educação,

os pesquisadores neste campo também sofreram com estas circunstâncias. Para melhor compreensão destes fatores, apontaremos a seguir algumas considerações levantadas por Galvão (2019) em relação à pesquisa em educação no Brasil.

No cenário brasileiro, Galvão (2019) irá destacar que no período dos anos 1950, houve estudos sociológicos e antropológicos, muitos voltados para as classes populares e que, para considerar o contexto dos sujeitos da pesquisa, começa-se “a disseminar dimensões qualitativas na pesquisa, orientadas pela fenomenologia e pela hermenêutica, que consideravam entrevistas, vivências, depoimentos e histórias de vida” (Galvão, 2019, p. 4). Este contexto histórico metodológico que abre espaço para a dimensão qualitativa já utiliza, ainda que muito timidamente, o diálogo entre prática, pesquisa e ensino para gerar novos insights, sendo antessala do que hoje compreendemos enquanto a a/r/tografia. Todavia, apesar da ampla produção de estudos qualitativos, estes recebiam menos visibilidade, o que ressalta o interesse da comunidade científica em evidenciar as abordagens empírico-analíticas de caráter quantitativo, posicionamento que reflete também nas pesquisas educacionais.

A autora ressalta que este movimento acontece devido às pesquisas realizadas pela metodologia qualitativa terem erroneamente sido associadas ao período de ditadura militar que o Brasil enfrentou (1964-1985), o que diminuiu o interesse na realização de pesquisas nessa abordagem. No campo da educação e da arte na esfera da educação, progressistas dos anos 1980 criticaram e excluíram essas metodologias, rotulando-as como positivistas e optaram por “utilizar abordagens crítico-dialéticas, sobressaindo-se, como abordagens metodológicas, a pesquisa ação e a pesquisa participante” (Galvão, 2019, p. 4).

Ainda assim, com a pluralização das temáticas nos anos 2000, percebe-se uma insuficiência desta metodologia hegemônica em lidar com discursos ascendentes no campo da educação definidos por marcos legais como a Constituição e Emendas, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, os investimentos em políticas públicas, a criação de financiamentos públicos e programas que proporcionam um aumento de estudantes, de modo que emerge uma diversidade de questões que devem ser tratadas considerando questões sociais, para que se trace uma perspectiva real da educação brasileira.

No campo da arte, nesta mesma década, a expansão conceitual do que é arte, como fazer arte e pesquisa em arte, possibilitou considerar todo o tipo de manifestação artística que tenciona temas que emolduram o mundo contemporâneo: o tensionamento sobre a modernidade; a superação das metanarrativas; a questão das narrativas; o tempo e suas relações com a memória; o corpo, a identidade e o erotismo; as noções de espaço e lugar; as políticas e micropolíticas (Canton, 2009). Desta maneira, para atender à demanda das complexidades que

despontam de nosso tempo, há a formulação de novas perspectivas de geração de dados e de análises.

Observamos que, em um determinado momento histórico, a pesquisa qualitativa considera o ponto de vista do outro e reformula a maneira como este outro é observado, assumindo a alteridade no processo de fazer pesquisa. Ressalta que a diversidade nas abordagens teórico-metodológicas no campo da arte e da educação acontecem para melhor compreender as questões do contexto presente de uma cultura em um recorte de tempo.

Diante destas considerações, na próxima seção dialogamos sobre as perspectivas de pesquisa em arte na esfera da educação que possibilitam considerar a vivência de professores e alunos enquanto criadores de enunciados artísticos/estéticos. Estes diálogos podem apontar para a relevância da dialogicidade entre estes pares e a diversidade nas maneiras com que suas vozes podem ser percebidas nos processos de uma pesquisa em arte na esfera da educação.

3 INTERLÚDIO: PESQUISA BASEADAS EM ARTE E A A/R/TOGRAFIA

Figura 3. Registro fotográfico de díptico elaborado no 3º momento do projeto *Entre*, composto por uma fotoperformance e uma fotografia.



Fonte: acervo da artista (2021)

O díptico exposto em uma parede por lambe-lambe, é composto por uma fotoperformance e uma fotografia de pregos enferrujados que marcam o piso dessa casa em abandono. Compõem a figura 3, um registro fotográfico dos lambes recém aplicados, elaborado no terceiro momento do projeto artístico e estético *Entre*. Esse discurso visual nos impulsiona

ao momento em que a artista/pesquisador/professora compreende que olhar o outro e como se olha o outro está inerente às produções artísticas, tanto quanto aos impulsos que às antecede.

Essa produção imagética ressalta o tempo: uma artista que em um tempo esteve presente naquele mesmo lugar para produzir a fotografia, em um outro tempo esteve presente para a inserção da imagem, e tensiona a presença e a manifestação de outras presenças em outros tempos decorrentes, que podem interferir na imagem (pois não há segurança) ou mesmo tensionar a durabilidade da imagem neste local expositivo, que pode vir a ser demolido.

Neste processo artístico reverberam questões do cronotopo (Amorim, 2020), que envolvem a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas, às quais voltaremos na próxima e última seção desta investigação, na perspectiva bakhtiniana. Neste sentido, estas considerações nos motivam a pensar sobre questões de metodologias de pesquisa em arte na esfera da Educação e como uma abordagem neste campo pode constituir-se em continuidade a processos artísticos/estéticos similares.

No panorama atual, tramado em paradigmas tecnológicos, na vivência como docente e discente, lidamos com amplos desafios trazidos pelas mudanças políticas, tecnológicas e sociais. Para acompanhar as complexidades em nosso tempo, tornaram-se necessárias abordagens transdisciplinares, com habilidades empáticas e sociais que possibilitem observar e considerar de maneira responsiva as inter-relações entre uma pesquisa e seu contexto.

É importante considerarmos também que, a expansão do potencial estético e perceptivo traz novas formas de compreender a arte e o mundo. Neste cenário, os pesquisadores são levados a buscar métodos não homogeneizantes que possibilitem um olhar sensível e singular para as multiplicidades dos sujeitos da pesquisa e das materialidades e/ou processos artísticos/estéticos.

Na área das artes, o americano Elliot Eisner⁸ (1933-2014) acreditou que as formas distintas de pensar, necessárias para criar artisticamente, são relevantes para todos os aspectos do que fazemos, inclusive para uma pesquisa no campo da arte. Sua perspectiva ganha potência ao lado do americano Tom Barone⁹ (Barone; Eisner, 2006). Juntos dedicando-se a ampliar o domínio da investigação qualitativa nas ciências sociais, incorporando as artes como forma de compreender e repensar questões sociais emergentes. Abordam aspectos-chave da Pesquisa

⁸ Elliot W. Eisner foi professor emérito de educação e arte na Universidade de Stanford. Lecionou em Stanford desde 1965 até seu falecimento. Destacou-se por seus estudos em três áreas específicas: educação artística, estudos curriculares e avaliação educacional. Seus interesses de pesquisa se concentraram no desenvolvimento da inteligência estética e no uso de métodos críticos das artes no estudo e na melhoria da prática educacional.

⁹ Tom Barone recebeu seu doutorado pela Universidade de Stanford em 1978. Barone atualmente ministra cursos de estudos curriculares e métodos de pesquisa qualitativos como Professor de Educação na Universidade Estadual do Arizona Mary Lou Fulton Teachers College, em Tempe, AZ.

Baseada em Artes, incluindo seu propósito e ideias fundamentais, além de controvérsias que cercam o campo, a política, a ética e a avaliação.

O aprofundamento e expansão destas metodologias acontece na relação de pesquisas desenvolvidas por especialistas de diversos países. Entre eles estão Rita Irwin, líder do grupo de pesquisa canadense *A/r/tography*, que elaborou pesquisas na relação com os pesquisadores Ricardo Marín Viadel (Universidad de Granada), Fernando Hernández (Universidad de Barcelona), Jason Wallin e Jan Jagodzinski (University of Alberta), bem como Belidson Dias, pesquisador pioneiro da *a/r/tografia* no Brasil. Investigadores da PEBA em diferentes áreas das ciências humanas formam um coletivo que amplia esses entendimentos para a pesquisa educacional¹⁰ e expande a Pesquisa Baseada em Artes¹¹. A exemplo, o livro *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*, organizado por Belidson Dias (UnB) e Rita Irwin publicado em 2013 (UFSM), com sua 2ª Edição lançada em janeiro de 2023, que nos oferece uma perspectiva abrangente em relação à Pesquisa Educacional Baseada em Arte na relação com a abordagem *a/r/tográfica*.

Ainda no panorama nacional, destacam-se as produções dedicadas à PEBA realizadas por pesquisadores participantes dos grupos de pesquisa: Cultura Visual e Educação (UFG/GO), Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAAEC - UFSM/RS) e o Grupo de Pesquisa Transviações: Educação e Visualidade (UnB/DF). Ainda, no Grupo de Pesquisa Arte Estética na Educação (GPAEE) da Universidade Regional de Blumenau da Linha de Linguagens, Arte e Educação vinculada ao programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/FURB, os investigadores vem dedicando-se a realizar dissertações, teses e artigos com e sobre esta abordagem metodológica. Convém destacar, ainda, que em um levantamento realizado no dia 20/09/2022, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o descritor “*a/r/tografia*”, sem aplicação de filtros, apareceram 45 trabalhos e, no Google Acadêmico, com o mesmo descritor, houve 796 resultados.

Neste contexto, a Investigação Baseada em Arte - IBA (ABR - arts-based forms of research) ou a Pesquisa Educacional Baseada em Arte - PEBA são abordagens emergentes e em processo de expansão de pesquisa e investigação nas Artes, Ciências Sociais e Ciências Humanas, enquanto a Investigação Educacional Baseada em Artes (IEBA) tangencia também o campo da educação e é instrucional para pesquisadores e professores que se relacionam com arte. Deste modo, a *a/r/tografia* é um modo de PEBA, ou seja, um modo de comunicar sobre e

¹⁰ Para mais informações, ver John Dewey, *Having a Experience* (1934)

¹¹ Para mais informações, ver Eisner (1979, 1991) e Barone & Eisner (1997).

pelo artista, seus processos e materialidades artísticas produzidas enquanto vivencia a docência (Dias; Irwin, 2013).

Apesar das contribuições da PEBA, convém mencionar alguns desafios que podem ser evidenciados, são eles: de legitimidade e validação, visto que a natureza da arte pode ser difícil de avaliar com os critérios tradicionais de pesquisa acadêmica; sobre política e inclusão, no que diz respeito a quem tem voz e poder na esfera da arte e da pesquisa; em questões de diversidade e representação, para garantir que diferentes perspectivas sejam reconhecidas e respeitadas; bem como, na avaliação, devido à sua natureza interdisciplinar e inovadora, o que demanda uma necessidade contínua de desenvolver métricas e critérios de avaliação que reconheçam a singularidade e o impacto da pesquisa educacional com e/ou sobre arte.

Segundo Belidson Dias e Rita Irwin (2013), esses modos de pesquisa têm como finalidade utilizar a arte como método, uma forma de análise, de diagnóstico, um tema, na esfera da investigação qualitativa. Rompe, problematiza, [des]constrói por compreender que as artes, diferente dos métodos científicos positivistas, geram conhecimentos enquanto compreendem o nosso mundo, acolhendo a incompletude e a incerteza.

Dias (2013, p. 15, grifos do autor), compreende a a/r/tografia

[...] como uma investigação “inquiry-Laden”, uma forma poética conceitual de dizer que a investigação permeia todo o processo, ela transpira, é viva. Para a/r/tografia, a investigação permeia nossas vidas e começamos a entender como nossas vidas são enriquecidas por essa curiosa disposição. Na a/r/tografia, a investigação também é descrita como um processo de “inquiry in and through time” que se refere à investigação evoluindo ao longo do tempo.

Em tecitura com a disposição à vida, sobre a qual nos fala Dias (2013, p. 15), ressaltamos Bakhtin (2003, p. 348), para quem

[a] vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Frente ao que mencionam Dias (2013, p. 15) e Bakhtin (2003, p. 348), compreendemos que a a/r/tografia é uma investigação com uma espaçotemporalidade singular, que articula e valoriza a proximidade do conteúdo investigado com a vida. A maneira com que os sujeitos envolvidos na pesquisa se compreendem e se olham é articulada com as produções artísticas e as vivências pedagógicas, dimensões que sustentam todo o percurso da investigação e caracterizam a pesquisa a/r/tográfica também como uma representação estética, que em

perspectiva bakhtiniana, por sua vez, “expressa a diferença e a tensão entre dois olhares, entre dois pontos de vista” (Amorim, 2020, p. 96).

Podemos dizer então que a a/r/tografia, vertente da PEBA, “privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (texto visual e/ou verbo-visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização” (Dias, 2013, p. 25), inovando a forma de pesquisa qualitativa em arte na esfera da Educação. Por valorizar as experiências humanas, os sentidos que perpassam o corpo, possibilita falar de experiências que relacionam arte e Educação com a própria arte, compreendendo as complexidades inerentes à dimensão estética.

Vale considerar ainda que, enquanto vertente da PEBA, a a/r/tografia não é afiliada a uma única epistemologia, já que, para Dias (2013, p. 24), “o referencial teórico da a/r/tografia está na Fenomenologia, Estruturalismo e Pós-estruturalismo”.

4 BRECHAS CONSTITUTIVAS: CRONOTOPO E EXOTOPIA

Figura 4. Registro fotográfico com perspectiva afastada de díptico de fotografias que compõem o projeto artístico *Entre*, elaborada no 4º momento



Fonte: acervo da artista (2021)

Na discursividade, epígrafe deste texto, podemos ver entre os escombros, o díptico que abre a seção anterior. A perspectiva grandeangular apresenta o espaço no qual foram realizadas a fotoperformance e a fotografia dos pregos enferrujados, bem como, a parede ao fundo onde foram expostas. Neste momento do processo artístico e estético *Entre*, a artista percebe que

alguém tentou arrancar uma das fotografias da parede, o que acena para a movimentações de pessoas que acrescentam novos sentidos à experiência.

As fotografias realizadas no primeiro momento do processo *Entre* capturam um momento específico no tempo. Posteriormente, enquanto são editadas e analisadas, outras conexões entre as imagens são elaboradas. Em uma das fotografias, o cano e o corpo da artista formam retas oblíquas, sendo o estômago o ponto em comum entre elas, percebe-se que esta imagem dialoga com uma imagem fotográfica de pregos enferrujados que estavam sob azulejos da casa. Juntas, essas fotografias elaboram e ampliam o sentido: as situações desconfortáveis experienciadas pela a/r/tógrafa no território onde vive. Na *figura 4* observamos que as imagens fotográficas coladas juntas na parede, passam a ter caráter tridimensional. As retas que as compõem se misturam às outras linhas elaboradas pelas paredes, canos, compensados, ou rejunte dos azulejos, de certa maneira, convidam o espectador a entrar em cena para ser ultrapassado por elas, um convite a sentir a sensação de desconforto.

Neste sentido, as fotografias expandidas no processo *Entre* permitem uma reflexão sobre a natureza do tempo, como é vivido e representado. Em termos do cronotopo, no processo *Entre* as fotografias não apenas documentam o tempo da performance ou dos pregos enferrujados, mas também o reinventa, mistura a temporalidade do processo artístico elaborado no espaço representado com a do espectador. Por esse motivo o processo artístico não se finda no quarto momento, mas continua fruindo no decorrer do tempo.

Associamos este momento do processo artístico, à abertura espaçotemporal propiciada pela pesquisa a/r/tográfica. Na relação com as considerações elaboradas nas seções anteriores, compreendemos que essa abordagem permite incluir fenômenos que surgem no decorrer da pesquisa, pelo modo flexível que lida com a espaçotemporalidade, em perspectiva bakhtiniana, explicitada pelos conceitos de exotopia e cronotopo.

Para Bakhtin, nunca poderei ver a totalidade de mim mesmo e para isso necessito do outro. Neste sentido, o outro tem uma perspectiva sobre mim que lhe permite me ver mais do que eu me vejo, vê a mim como parte do mundo e, deste modo, seu olhar me constitui, pois “[n]ão posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir um todo que me define” (Amorim, 2020, p. 96).

Isto acontece quando a a/r/tógrafa se afasta do material investigado para compreendê-lo, ela está em um lugar exterior que possibilita múltiplos olhares, que seriam inacessíveis a ela se este movimento não acontecesse. Da mesma maneira, quando tem um olhar afastado sobre si mesma, consegue ver-se enquanto artista/professora/pesquisadora e, na articulação de sua identidade, permite que tenha sobre si mesmo uma noção de um todo que ela não teria sem

afastar-se. Deste modo, assume uma posição exotópica quando se afasta de sua vivência, assumindo um olhar de outro sobre si mesmo e enriquecendo as sínteses sobre o seu processo.

Ao analisar suas próprias produções e/ou as produções dos sujeitos de sua pesquisa, estudantes ou não, a a/r/tógrafa constrói uma narrativa que refrata o seu mundo, seu ponto de vista, tecendo novas relações a partir de suas vivências artísticas/pedagógicas. Reflete sobre o seu próprio processo enquanto considera as vozes dos sujeitos na escrita da pesquisa, isto é, a sua delimitação de espaço está envolvida em relações com o tempo e com os lugares em que se encontra, como podemos observar no processo artístico e estético *Entre*, sendo o espaço citadino *locus* de uma experiência que envolve a arte e a educação.

A a/r/tografia, ao compreender o mundo complexo da experiência vivida do ponto de vista de um sujeito artista/pesquisador/professor, possibilita que as vozes que surgem destes três contextos evidenciem-se devido a um tempo flexível e dado ao movimento de afastar-se e aproximar-se, de forma que as considerações singulares e transversais produzam “insights inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar, e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor” (Dias, 2013, p. 9-10).

Com o foco posto na experiência, a noção de *voz* de uma pesquisa a/r/tográfica adentra de tal modo nas perspectivas de investigação narrativa que acentua a dialogicidade nesta metodologia. O processo de comunicação verbal não está centrado exclusivamente na figura do locutor, visto que a “a palavra é produto da interação da locutora e do ouvinte” (Volóchinov, 2018, p. 211), proveniente de uma interação dialógica.

No que diz respeito ao cronotopo, o “elemento privilegiado é o tempo” (Amorim, 2020, p. 102). Ainda assim, o tempo e espaço são complementares, são combinados para melhorar e enfatizar as qualidades um do outro, ou seja, o tempo “é a dimensão em movimento, da transformação” (idem, p. 103), neste sentido, a discussão acerca do tempo é “o princípio primeiro do cronotopo” (Bakhtin, 2018 p. 239).

Para elaborar um pensamento sobre si mesma, é necessário que a a/r/tógrafa se relacione com o seu contexto temporalmente e socialmente localizado para então tecer relações axiológicas. Nesta perspectiva, Bakhtin (2003) destaca que, na relação espaçotemporal há:

[a] capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os índices do curso do tempo em tudo [...] (BAKHTIN, 2003, p. 226, grifos do autor).

Ao continuar seus estudos sobre o cronotopo, o autor nos fornece um caminho para compreendermos a espaçotemporalidade, também na relação com a contemplação de uma obra de arte que nos é cara para compreender a relação espaçotemporal e a valoração. Segundo a perspectiva bakhtiniana, quando nos deparamos com uma obra de arte sentimos os seus estímulos e realizamos uma abstração, portanto, nesse momento, estamos no mundo do ato cognitivo, que nos guia segundo suas próprias leis imanentes, que são autônomas e que nos retira dali enquanto seres humanos únicos e responsabilmente ativos. Portanto, na medida em que relacionamos nossos sentires com as memórias, com o contexto e as valoramos, os pensamentos deixam de ser abstratos e é possível reconhecer os valores emocionais, como na análise do processo artístico *Entre*.

Neste processo, o espaço e o tempo e o tempo são concebidos juntos. A relação de uma pessoa com uma obra de arte diz respeito a uma horizontalidade, na qual o sujeito está inserido em seu contexto, em uma determinada esfera de circulação de sentidos em que, como na *figura 4*, tudo se perpassa. Nas palavras de Bakhtin (2018, p. 217), “as determinações de espaço-tempo são inseparáveis e sempre tingidas de um matiz axiológico-emocional”.

Na medida que compreendemos que para observar uma obra de arte é preciso abranger “o cronotopo em toda a sua integralidade e plenitude” (Bakhtin, 2018, p. 217), consideramos que, também a a/r/tografia – constituída por e com arte –, também está impregnada de valores que se modulam por uma sociedade situada em um determinado tempo. Tal como na contemplação de uma obra de arte, também em uma pesquisa a/r/tográfica o cronotopo põe em evidência o tempo-espaço numa relação axiológizada, que envolve desde as primeiras motivações para uma pesquisa, como a repercussão continuada do leitor.

Para contextualizar a relação entre as pessoas envolvidas em uma pesquisa a/r/tográfica, mencionamos o cronotopo do encontro, no qual se faz aparente a estrada “variada de múltiplos planos”, mas com o suporte fundamental que “é o fluxo do tempo” (BAKHTIN, 2018, p. 218). De acordo com (BAKHTIN, 2018, p. 218, grifos do autor):

a ‘estrada’ é o lugar predominante dos encontros casuais. Na estrada (a ‘grande estrada’) cruzam-se num ponto espaçotemporal os caminhos percorridos no espaço e no tempo por uma grande diversidade de pessoas - representantes de todas as classes e condições sociais, crenças religiosas, nacionalidades, faixas etárias. Aí podem encontrar-se por acaso aqueles que normalmente estão separados pela hierarquia social e pela distância espacial, aí podem surgir quaisquer contrastes, diferentes destinos podem encontrar-se mutuamente e entrelaçar-se.

Diante da possibilidade de entrelaçamento e trocas sobre a qual nos fala Bakhtin (2018), entendemos que na estrada se dão os encontros nos quais a a/r/tógrafa percebe o que em si é diferente do outro. As imagens que remontam a este texto, por exemplo, apresentam um entrecruzamento de realidades contrastantes, revelando os aspectos sócio-históricos múltiplos da cidade em questão. Podemos dizer ainda que, na grande estrada, registra os rastros de uma presença que afasta a sujeira do colchão e interfere na fotografia da parede na tentativa de arrancá-la e, revela condições sociais, culturais, de pessoas distintas que atravessaram este espaço.

No processo artístico e estético *Entre*, por exemplo, as fotografias são expandidas na relação com o espaço e com a interferência de outras pessoas, aberta ao processo e não à planejamentos que poderiam ser delineados em seu início, o que possibilita um percurso que não se finda, mas é continuamente (re)elaborado pelo espectador/fruidor. Dessa maneira, ainda que as heranças coloniais sejam matriz do modo de compreensão dos corpos e suas relações na cidade em que vive a artista/pesquisadora/professora, o *Entre* que desenvolve neste local geográfico e ideológico, permite uma fissura nas concepções que encapsulam as possibilidades de crítica.

Como no espaço citadino, em outros ambientes de aprendizado, o caminho da a/r/tógrafa entrecruza aos caminhos dos participantes da pesquisa, também o dos participantes entrelaçam-se a seu caminho e esta relação materializa-se em suas produções artísticas, sem que um esteja submetido a outro. Elaboram possibilidades e tecem relações com problemáticas enquanto produzem arte.

E, aberta para a artes, a “a/r/tografia constitui-se enquanto Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas textuais”, onde os sujeitos “e a forma da investigação estão em um estado constante de tornar-se” (Irwin, 2013, p.28). O olhar exotópico do investigador para a pesquisa estará como um acabamento das diversas possibilidades que podem surgir durante a investigação. Logo, não está em uma posição egoísta, mas generosa em ofertar sua perspectiva. É único em seu modo de olhar a si e ao outro e, quando se encontra com outros sujeitos na estrada, não se perdem ou desconstroem-se, mas complementam-se nesses encontros para constituírem a si mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a abordagem metodológica a/r/tográfica e a perspectiva bakhtiniana, são estreitadas por este texto. Sob a ótica dos estudos na esfera da linguagem elaborados por

Mikhail Bakhtin, uma pesquisa a/r/tográfica destaca-se pela horizontalidade entre os enunciados verbais e/ou verbo/visuais de caráter artístico e estético (de autoria própria ou não), que a compõem. Compreende que estarão sempre no terreno interindividual, e não apenas do ato cognitivo, da abstração dos pensamentos, como acontece nas relações axiológicas observadas no processo artístico e estético *Entre*.

As questões elaboradas na relação entre a abordagem a/r/tográfica e os conceitos de cronotopo e exotopia, oferecem uma perspectiva para compreender o modo peculiar com que este modo de PEBA possibilita articular a espaçotemporalidade durante o desenvolvimento da pesquisa. Pelo olhar exotópico, um a/r/tógrafo olha para seus discursos verbais e produções artísticas como uma discursividade, encharcado pelas vivências na relação com o outro, compreende que refratam posições valorativas, políticas, que são potencializadas pelo modo com que lida com o espaço, o tempo e o seu olhar.

Em relação com o cronotopo, a abordagem a/r/tográfica coloca em evidência a espaçotemporalidade numa relação axiologizada. Observamos que o cronotopo do encontro é lugar coletivo e frutivo, no qual lateja uma esfera discursiva localizada em determinado espaço e tempo. Assim como os sentidos das fotografias expandidas no processo *Entre*, em uma pesquisa a/r/tográfica, os sujeitos da pesquisa se relacionam-se entre si quando suas estradas se cruzam, e os sentidos possíveis em uma pesquisa são ampliados pelos encontros. Também, no cronotopo da pesquisa a/r/tográfica os fenômenos que emergem durante o seu desenvolvimento podem ser absorvidos por ela, e não é conclusivo, pois continua constantemente a produzir fruições, uma vez que, no ato da leitura da investigação, o leitor/fruidor reelabora o caminho do a/r/tógrafo e, por intermédio das lacunas dialógicas do texto, participa dos sentidos elaborados no processo da investigação.

Dada a importância do outro em uma pesquisa a/r/tográfica, é mantido o caráter subjetivo e cultural de cada sujeito envolvido na investigação e, esta percepção, em uma pesquisa na esfera da educação, pode desestabilizar posição axiomática e individual que pode ter um investigador, também artista e professor.

Por fim, compreendemos que as aproximações pontuadas entre a abordagem a/r/tográfica e a perspectiva bakhtiniana permite considerar a forma como concebemos o mundo e o apresentamos, possibilitando problematizar as realidades que são sociais e localmente construídas. Por mobiliza o pesquisador a olhar para si, acena o caráter exotópico que também constitui a perspectiva dialógica. Desta maneira, esta pesquisa, oferece subsídios para contrapor os desafios referente à legitimidade e validação, política e inclusão, à questões de diversidade e representação, bem como, na avaliação, auxiliado no reconhecimento da abordagem

a/r/tográfica enquanto crítica, não excludente, afastada de reducionismos e objetividades homogeneizantes.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

_____. **Cronotopo e exotopia**. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018.

BARONE, T; EISNER, E. **Arts-Based Educational Research**. Arizona State University: Stanford University, 2006.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CANTON, K. **Do Moderno ao Contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DIAS, B; IRWIN, R. L. (Orgs). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.

DIAS, B. **A/r/tografia como metodologia e Pedagogia em Artes**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.

DIEDERICHSEN, M. C. R. **Pesquisa baseada em arte - criação poética desviante: contribuições de Jan Jagodzinski**. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26., 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.519-532.

FERNANDES JUNIOR, R. **Processos de Criação na Fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica**. São Paulo: **Facom-FAAP** nº 16, 2º semestre de 2006. p 10-19. Disponível em: https://www.faap.br/REVISTA_FAAP/REVISTA_FACOM/facom_16/rubens.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

VOLÓCHINOV, V.. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

GALVÃO, A. M. de O. **Pesquisa em Educação. Revista Brasileira de Educação Básica – RBEB**. Vol. 4, Número 13, Abril – Junho 2019.

Submetido: 23/07/2024

Aceito: 14/11/2024